



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

SANDRA FERREIRA DE SOUZA

**A SEXUALIDADE DAS CRIANÇAS NA PERSPECTIVAS DAS PROFESSORAS DE
EDUCAÇÃO INFANTIL DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE MAMANGUAPE/PB**

JOÃO PESSOA

2017

SANDRA FERREIRA DE SOUZA

A SEXUALIDADE DAS CRIANÇAS NA PERSPECTIVAS DAS PROFESSORAS DE
EDUCAÇÃO INFANTIL DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE MAMANGUAPE/PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Félix da Silva

JOÃO PESSOA

2017

S729si Souza, Sandra Ferreira de.

A sexualidade das crianças na perspectiva das professoras de educação infantil de uma escola do município de Mamanguape/PB / Sandra Ferreira de Souza. – João Pessoa: UFPB, 2017.

34f.

Orientadora: Jeane Félix da Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Sexualidade. 2. Gênero. 3. Educação infantil. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.2(043.2)

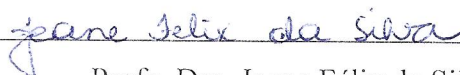
SANDRA FERREIRA DE SOUZA

A SEXUALIDADE DAS CRIANÇAS NA PERSPECTIVAS DAS PROFESSORAS DE
EDUCAÇÃO INFANTIL DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE MAMANGUAPE/PB

O presente trabalho foi submetido a avaliação da banca examinadora, em cumprimento às exigências parciais para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, na Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em: 06 de 12 de 2017.

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Jeane Félix da Silva

(Orientadora - UFPB)



Profª. Dra. Maria Eulina Pessoa de Carvalho

(Examinadora - UFPB)



Profª. Dra. Ana Luísa Nogueira de Amorim

(Examinadora - UFPB)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus e às pessoas que estiveram ao meu lado pelos caminhos da vida. Em especial aos meus pais Maria José e José Alves (*in memoriam*), a minha filha Sandriele e ao meu neto João Miguel.

AGRADECIMENTOS

Venho agradecer em primeiro lugar a Deus que é o originador da vida e fonte inesgotável de conhecimento e sabedoria. Em nome de seu filho Jesus Cristo eu lhe agradeço pelas bênçãos em minha vida e por minha existência. Amém!

Agradeço aos meus pais, Maria José e José Alves (*in memoriam*), pois foram meu alicerce e é a quem devo muita gratidão pelos ensinamentos e pelo amor que me dedicaram e que me fizeram ser a pessoa que hoje sou.

À minha filha Sandrielle Ferreira agradeço pela filha maravilhosa que sempre foi e pela mãe maravilhosa que te tornaste e por sempre acreditar em mim. Ao meu querido e amado neto João Miguel.

Agradeço aos meus irmãos/irmãs, meus sobrinhos/as e a todos os familiares de um modo geral.

Aos verdadeiros amigos/as que são poucos, porém são verdadeiros .

Aos professores/as do curso de Pedagogia que contribuíram de modo revelante para minha formação e fazem parte dessa conquista .

Aos colegas de turma pelo companheirismo e troca de conhecimentos, em especial ao meu grupo, que nomeamos de turma do fundão, que de fundão só tem o nome mesmo. Todos estão de parabéns pelo excelente desempenho na universidade.

À Orientadora: Profa. Dra. Jeane Félix da Silva, meu muito obrigado pela sua paciência e confiança.

Agradeço à banca, que está composta pelas Profa. Dra. Ana Luisa Amorim e Maria Eulina Pessoa de Carvalho.

Também não poderia deixar de agradecer a uma pessoa que durante algum tempo esteve presente em minha vida: Anibal, você foi peça chave para minha inserção num curso superior, lhe agradeço por tudo que fez por mim.

“É ainda na infância que começamos a descobrir o nosso corpo ,a perceber que ele pode ser fonte de prazer”.

Jane Felipe

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a sexualidade infantil no contexto escolar e conhecer quais as perspectivas que as professoras de uma escola de educação infantil e fundamental do município de Mamanguape/PB têm em relação à sexualidade dos seus alunos/as. Neste sentido, foram realizadas entrevistas com as quatro professoras educação infantil da escola estudada visando conhecer a partir de suas falas o que pensam e como se posicionam frente às manifestações das sexualidades das crianças, como também se elas consideram importante estarem preparada para abordar a temática. Desse modo, os resultados analisados apontam para uma lacuna em relação às professoras da educação infantil no que diz respeito às questões de sexualidade das crianças. Foi percebido que as entrevistadas não se sentiam à vontade ou não estavam preparadas para falar e lidar sobre/com a sexualidade infantil. Na opinião das professoras esse tema é de responsabilidade das famílias e não da escola. Esta é uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, fora utilizado para baseamento o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, livros, artigos e documentos oficiais (2000 a 2017).

Palavras-chave: Sexualidade. Gênero. Educação. Infantil.

ABSTRACT

The following paperwork proposes to approach child sexuality on school context and to know which are the perspectives of the teachers from a nursery school at Mamanguape city/PB about their students' sexuality. In this sense, an interview was made with four teachers aiming to know, from the teachers' speech, if they are ready or not to deal with the manifestations of their students' sexuality. And what is the importance to discuss the thematic. Thus, the analyzed results points to a gap in relation to the child education's teachers about children sexuality. It was noticed that the interviewed were not comfortable or were not prepared to talk and deal with child sexuality. In the teacher's opinion, this theme is responsibility of families. And not of the school. To give the theoretical support, it was realized bibliographical research on publications on the subject and were also made readings with area theoreticians.

Keywords: Sexuality. Gender. School. Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

CREI - Centro de Referência em Educação Infantil

DST - Doenças Sexualmente Transmissíveis

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

PMM - Prefeitura Municipal de Mamanguape

PPP - Projeto Político Pedagógico

PDDE - Programa Dinheiro Direto na Escola

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

RCNEI- Referencial Nacional para a Educação Infantil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 SEXUALIDADE, GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO	14
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	17
3.1. Caracterização da Escola.....	18
3.2 Perfil das informantes.....	19
4 SEXUALIDADE E GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O OLHAR DE QUATRO PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	33
APÊNDICE B- ROTEIRO DE ENTREVISTA	34

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade tem sido um assunto evitado por muitas pessoas. Principalmente na presença de crianças, parece ser inadmissível tocar no assunto e, em muitos contextos, pouco se fala sobre sexualidade, evidenciando que esse é um tema quase proibido. No entanto, as informações sobre sexualidade estão presentes e disponíveis em todos os espaços, somos bombardeados diariamente pela mídia, através das músicas, novelas, programas de TV, e até mesmo no vestuário com roupas sensuais e provocantes, entre outros. A maioria das crianças também tem acesso a tudo isso, sendo influenciadas por essas informações. Não raro, observamos crianças cantando e dançando músicas que apresentam a sexualidade feminina de forma pejorativa, destacando a mulher como produto sexual.

Dessa forma, percebemos que a sexualidade é algo presente no nosso dia a dia. Segundo Jane Felipe (2012, p. 49), “(...) as vivências infantis estão repletas de descobertas em relação ao mundo, às pessoas, inclusive no campo da sexualidade, especialmente nesses tempos em que há um amplo acesso às informações, o que faz aumentar ainda mais as curiosidades infantis, em todo campo,” mesmo que não seja refletida de forma pedagógica.

Partindo do pressuposto de que o tema é pouco discutido e refletido no âmbito educacional infantil, considero de extrema importância abordar o assunto. Nessa direção, este trabalho tem como objetivos: refletir sobre a sexualidade infantil no contexto escolar e conhecer quais as perspectivas que as professoras de uma escola de educação infantil do município de Mamanguape/PB têm em relação à sexualidade das crianças.

Para a realização deste trabalho, foi feito um levantamento das publicações sobre sexualidade infantil no contexto da educação infantil, nos últimos (dez nos) trabalhos de conclusão de curso (TCC) do Curso de Pedagogia da UFPB, *campus* I. Nesse levantamento, descobri que existem poucas publicações em nosso curso no tocante à sexualidade infantil, motivo que me deixou ainda mais ciente da importância de abordar o tema e em articulação com outros, tais como as questões de gênero.

Para dar conta dos objetivos propostos, realizei pesquisa de campo em uma escola de educação infantil situada no município de Mamanguape - PB, entre os meses de setembro e outubro deste ano. A nome da escola não será divulgado para manter seu anonimato, em consideração aos princípios éticos. A escola desenvolve ações nos turnos manhã, tarde e noite, sendo a educação infantil apenas nos turnos manhã e tarde. A pesquisa é de cunho qualitativo

exploratório e utiliza como instrumento de pesquisa uma entrevista semiestruturada realizada com as professoras de educação infantil da referida escola.

Os motivos que me levaram à escolha do tema foram minhas inquietações quanto à curiosidade sexual infantil e as reações que os/as adultos/as expressam quando as crianças fazem alguma pergunta que envolva sexualidade ou sexo como, por exemplo, quando perguntam “como nascem os bebês”, “mãe, já posso namorar?” entre outras, ou mesmo quando as manifestações de sexualidade são visíveis nas brincadeiras com “coleguinhas” através da exploração do corpo.

Na minha época de criança, eu não podia sequer abrir a boca para fazer perguntas ou manifestar curiosidade em relação à sexualidade. Lembro que, naquele tempo, eu buscava satisfazer minhas curiosidades nas brincadeiras e na observação sobre o que as pessoas adultas faziam. Por exemplo, quando eu via um casal de adultos/as namorando ficava por perto e, muitas vezes, fantasiava estar no lugar da moça. Outra coisa que lembro é que costumava me esconder debaixo da cama da minha mãe para ouvir o que ela e suas amigas conversavam. E, pouco a pouco, fui me descobrindo, fui aprendendo sobre sexualidade. Trago esses relatos para mostrar que compreendo que a sexualidade faz parte da vida de todos/as nós, desde crianças, manifestando-se de formas diferentes. Não estou, com isso, querendo justificar a sexualização das crianças, mas dizer que elas têm sexualidade, têm curiosidades e aprendizagens em torno da sexualidade.

Quando criança, meu período escolar foi terrível. Eu não conseguia me concentrar em nada, minha cabeça vivia no “mundo da lua”, como diziam na minha época. A escola não me foi atraente e muito cedo perdi o interesse por ela. Não tardou, e o resultado foi o abandono da escola. Mais adiante, uma gravidez aos 16 anos me fez assumir responsabilidades como mãe de uma linda menina. Ainda muito jovem a escola deixou de fazer parte da minha vida. Contudo, quando chegou o tempo de minha filha ir para a escola, percebi que não tinha muitas contribuições para lhe oferecer em termos pedagógicos, precisava ensinar os deveres de casa e acompanhar seu desenvolvimento escolar. Além disso, notei que ela também tinha curiosidades referentes à sexualidade. Como não tinha respostas para algumas de suas perguntas, pensei: “vou ter que voltar para a escola”, então me matriculei em uma escola que oferecia a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). Assim, em dois anos, concluí o ensino fundamental e, em um ano e meio, concluí o ensino médio. Em seguida, prestei o vestibular para o curso de Pedagogia e ingressei na UFPB, *Campus I*.

Hoje, ao observar outras crianças com quem tenho convívio, percebo que elas também têm curiosidades em relação ao corpo e à sexualidade muito parecidas com as que eu e minha

filha tivemos quando éramos crianças. Por isso, compreendo que a discussão sobre a sexualidade infantil no âmbito escolar e no contexto familiar é fundamental como forma de superar tabus e preconceitos referentes à sexualidade infantil. Compreendo que caberia às famílias ou os responsáveis pelas crianças a reflexão sobre a sexualidade e que este tema deveria ser abordado do modo mais natural possível. Todavia, como por diversas razões as famílias, de modo geral, não abordam esse tema, cabe à escola o trabalho pedagógico sobre educação sexual. E os responsáveis por esse processo são os/as profissionais que nela atuam.

Na elaboração deste trabalho, tomei conhecimento de que os temas gênero e sexualidade foram retirados do Plano Nacional de Educação (2014-2024), sob a alegação de que caberia à família educar seus filhos/as sobre esses temas. No entanto, muitos pais/mães ou responsáveis carregam tabus acerca do tema, impossibilitando um diálogo com seus filhos/as, crianças e adolescentes, que se informam sobre sexualidade e as transformações que ocorrem em seus corpos com os/as amigos/as, na internet ou a partir das próprias experiências. Estamos vivendo tempos difíceis em relação ao trabalho pedagógico sobre sexualidade nas escolas, é como se este tivesse se tornado um tema proibido. Precisamos falar e refletir sobre essas questões.

Diante disso, compreendo que a escola é o espaço por excelência para refletir o tema. É na escola que se encontra uma equipe pedagógica que deveria estar preparada teórica e metodologicamente para tratar esses temas, orientando as crianças para a vida em coletivo, com respeito às diversidades de todos os tipos, inclusive à diversidade sexual. E também é nesse espaço que as crianças devem aprender a conviver e respeitar as diferenças

Para dar conta desse desafio, este trabalho de conclusão de curso está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo apresento a fundamentação teórica; no segundo capítulo, discorro sobre a metodologia da pesquisa; no terceiro capítulo, aponto as análises dos dados e, por fim, apresento as considerações finais.

2 SEXUALIDADE, GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Inicialmente vamos tentar compreender o que é sexualidade. Muitas pessoas costumam atribuir sexualidade ao sexo. O sexo é a condição de reprodução da espécie. Já a sexualidade envolve muito mais que isso. A sexualidade sempre esteve presente em todas as épocas da humanidade, entre todos os povos, culturas e etnias, e sua construção ocorre nas relações humanas. Em cada tempo histórico, em cada sociedade, vão sendo construídos modelos do que é aceito ou rejeitado em relação à sexualidade. De acordo com Schindhelm (2011, p. 09), “a sexualidade e seu desenvolvimento são fortemente marcados pela cultura e pela história de cada sociedade, que impõe regras de relevada influência no comportamento dos indivíduos” Em outras palavras, a sexualidade é uma construção social e cultural variando seu conceito de acordo com a cultura que a vivência. Nas palavras de Guacira Louro (2000, p. 95):

Ao voltar-se precisamente para a cultura, esta perspectiva afirma o caráter construído, histórico, particular e localizado da sexualidade. Acentua que práticas sexuais aparentemente idênticas podem ter- e efetivamente têm –significados muito distintos em várias culturas, tanto coletiva como subjetivamente.

Visto que a sexualidade é culturalmente aprendida e vai sendo construída de acordo com cada cultura, creio que não exista uma forma única para definir a sexualidade. Creio, também, nas muitas possibilidades de se vivenciar a sexualidade. Xavier Filha (2012, p.23) aponta que perceber a sexualidade como construção social e cultural, “instiga-nos a pensar sobre a cultura, sobre como cada um de nós somos o que somos a partir dessas relações com os vários discursos que determinam o que é ideal para a vivência da sexualidade”. Para esta autora, cada sociedade, em cada tempo histórico, define o que pode ou não pode ser vivenciado no âmbito da sexualidade. Assim, comportamentos são considerados “normais” ou “anormais” de acordo com as convenções sociais de cada época.

Sendo a sexualidade uma construção social, ela se inicia desde a infância. “Sidmund Freud (1905/1986) escreveu um trabalho que, não só pelo escândalo que provocou ao ser publicado do início do século xx, mas pela importância de sua sistematização, é reconhecido por afirmar a existência da sexualidade infantil” (ANDRADE, 2003, p. 85). De acordo com o RCNEI

Seu desenvolvimento é fortemente marcado pela cultura e pela história, dado que cada sociedade cria regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual dos indivíduos. A marca da cultura faz-se presente desde cedo no

desenvolvimento da sexualidade infantil, por exemplo, na maneira como os adultos reagem aos primeiros movimentos exploratórios que as crianças fazem em seu corpo.

Porém, costumamos ver as crianças, no que se refere à sexualidade, como seres inocentes e “assexuados”. Para muitas pessoas é difícil admitir que a sexualidade faz parte da vida das crianças, que elas desenvolvem aprendizagens em torno de sua sexualidade quando passam, por exemplo, a perceber modificações nos seus corpos. Crianças também são pessoas sexuadas. Segundo Jane Felipe (2012, p.47):

Situações que envolvam expressões da sexualidade entre crianças pequenas ainda são vistas com certa desconfiança por parte dos adultos, afinal, aprendemos a nos relacionar com uma infância supostamente inocente, pura, ingênua, desprovida de qualquer manifestação sexual.

Essas situações que envolvem expressões de sexualidade são as brincadeiras infantis que é o início das descobertas corporais sendo uma fase saudável tanto para os meninos como para as meninas e deve ser vista de como tal. Ao lembrar de minha própria infância, recordo que vivenciei algumas curiosidades, percebia que meu corpo de menina era diferente dos corpos dos meninos e gostava de fazer essas comparações através de algumas brincadeiras e disputas testando a força corporal. A sexualidade infantil é diferente da sexualidade de adultos/as, e não podemos confundir sexualidade com práticas sexuais. É na infância que experimentamos nossas primeiras descobertas. Nosso corpo é um “poço de prazer” O corpo também pode ser fonte de dor e sofrimento.

Na infância também aprendemos que meninos e meninas são diferentes, que homens e mulheres são diferentes. Aprendemos que há cores consideradas apropriadas para meninas e outras para meninos, que há brinquedos separados por sexo. A esse modelo de diferenciação de homens e mulheres com base nos seus corpos biológicos chamamos de gênero. O conceito de gênero refere-se aos papéis sociais diferenciados por sexo, papéis que colocam homens em lugar de privilégio social e as mulheres em lugar, em geral, secundário (CARVALHO; RABAY, 2015).

O primeiro contato da criança, em termos de sexualidade, geralmente, é com o seio materno no ato da amamentação. Segundo o RCNEI. “A relação das crianças com o prazer se manifesta de forma diferente da do adulto. Em momentos diferentes de sua vida, elas podem se concentrar em determinadas partes do corpo mais do que em outras. A boca é uma das regiões pela qual as crianças vivenciam de modo privilegiado sensações de prazer” e, posteriormente, vem o toque durante os banhos, massagens, abraço, é nesse contexto que a criança vai descobrindo que seu corpo ao ser tocado traz uma sensação boa. As crianças naturalmente tocam o próprio corpo, reconhecem diferenças entre seus corpos e os dos adultos/a. Essa

descoberta é importante para o desenvolvimento das crianças e não deve ser condenada ou coibida. Felipe (2012, p.48), afirma:

À medida que o tempo passa e que a criança adquire outras capacidades, (falar, caminhar, pular, saltar, correr, compreender algumas situações, se relacionar de forma mais independente, fazendo seus próprios amigos e amigas, por exemplo) ela vai descobrindo outros significados para seu corpo, da mesma forma que passa a significar o corpo dos/as colegas.

É nesta fase que as crianças percebem que existem diferenças nas suas genitálias e começam a surgir as manifestações da sexualidade infantil e diferença de gênero. Os meninos ficam assustados ou mesmo admirados quando percebem que seu penis ficam ereto, em alguns momentos, principalmente quando vão urinar. E ao verem o pai urinando, muitas vezes, perguntam “porque o pipi do pai é maior que o dele”. Já as meninas fazem perguntas do tipo: “eu posso namorar o papai” e também descobrem que ao tocarem seu clitóris ou sua vulva podem sentir sensações prazerosas. E ao perceberem isso, elas irão repetir mais vezes, passando a explorar mais seus corpos.

Esse fenômeno de descoberta acontece por volta dos dois anos, quando elas (às crianças) começam a descobrir muitas coisas e a explorar mais intensamente seus corpos e também os corpos dos/as colegas ou de adultos. Ela pode se mostrar curiosa para entender as diferenças anatômicas entre meninos e meninas, homens e mulheres e também entre adultos e crianças (considerando que muitos pais e mães têm uma relação de maior intimidade e liberdade com os/as filhos/as, trocando de roupa na frente deles/as ou mesmo tomando banho juntos). As curiosidades, expressas através de um olhar admirado, ou através de uma pergunta ou comentário serão inevitáveis, portanto. Muitas vezes, a criança expressa essas descobertas de uma forma muito natural, ingênua, demonstrando, assim, o quanto essas novidades são fascinantes para ela (FELIPE, 2012, p.48).

Assim, ao se falar em sexualidade infantil não podemos esquecer os a questão de gênero, principalmente no contexto atual, onde o discurso sobre o tema tem repercutido em vários âmbitos sociais e meios de comunicação. Quando ouvimos a palavra gênero, em um primeiro momento, nos reportamos às questões que outrora aprendemos nos livros de gramática, que significava masculino e feminino. Porém, gênero é muito mais amplo e abrange várias áreas do conhecimento, não sendo possível uma única conceituação. Conceituar gênero é algo complexo até para os estudiosos da área. De acordo com Carvalho & Rabay (2015, p.132), “gênero é um conceito de difícil compreensão e apropriação até mesmo por pessoas de alto nível de escolaridade, como docentes da educação superior, doutores e doutoras”.

É na articulação entre o que as professoras de educação infantil de uma escola do município de Mamanguape compreendem como sexualidade e se fazem diferenças de gênero nessas compreensões que essa pesquisa foi desenvolvida. Para isso, como já foi dito, foram realizadas entrevistas com as professoras da escola em questão. No próximo capítulo, explico como foram desenvolvidos os caminhos metodológicos deste trabalho.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa que origina este TCC foi realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental do município de Mamanguape/PB. Esta escola foi escolhida por ofertar a educação infantil, que é meu campo de pesquisa, além de estar localizada no município em que vivo. O nome da escola foi preservado por questões éticas.

Os sujeitos desta pesquisa são quatro professoras da educação infantil I e II, dos turnos manhã e tarde. Esta é uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Sendo de caráter exploratório, visa promover uma maior familiaridade com o problema tornando-o explícito e levantando hipóteses através do método utilizado (*ibidem*). Busca explorar o tema, sem objetivo de dar conta dele em sua totalidade. A pesquisa qualitativa é aquela que:

Se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, pp. 6-7).

A princípio seriam realizadas entrevistas seguindo um roteiro previamente elaborado. Contudo, ao convidar as professoras da escola para participar da pesquisa percebi falta de motivação por parte delas. Expliquei como seria a entrevista, e lhes mostrei o roteiro com as perguntas, além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual informo que a pesquisa é de total sigilo, que as identidades das participantes seriam preservadas, e que elas podiam desistir a qualquer momento, caso se sentissem constrangidas. Mesmo assim, elas alegaram que não se sentiam à vontade para responder e, por essa razão, sugeri deixar o roteiro para que elas preenchessem, e me devolvessem uma semana depois. Desse modo, todas aceitaram prontamente participar.

3.1. Caracterização da Escola

Minha primeira visita à escola campo se deu do seguinte modo: cheguei na instituição de ensino às 8:30 da manhã, fui recebida pelo porteiro e lhe informei que se tratava de uma visita para compor uma pesquisa de conclusão de curso, de forma que ele liberou minha entrada no local. Em seguida, o inspetor da escola me conduziu até a Diretoria, local em que se encontrava a diretora, que foi muito educada. Apresentei-me como discente concluinte do curso de Pedagogia da UFPB e informei que havia escolhido aquela escola como campo de pesquisa para meu TCC. Apresentei a carta de autorização para realização de pesquisa de campo e também um resumo de meu projeto de pesquisa. A diretora examinou e, logo após, assinou a carta de autorização para que as professoras da escola pudessem participar da pesquisa, caso desejassem. Depois, tivemos uma conversa informal sobre vários assuntos pertinentes ao tema da pesquisa.

A caracterização da escola se deu a partir da leitura e análise de seu Projeto Político-Pedagógico (PPP), além da conversa informal com a diretora. A escola foi fundada em dezembro de 1996, possui oito salas de aula, além de laboratório de informática, biblioteca, sala de professores/as, cozinha, depósito de merenda, almoxarifado, diretoria, secretaria, banheiros, área de serviços e pátio coberto. Funciona nos três turnos com um total de 20 turmas, distribuídas no período matutino, vespertino e noturno e atende um total de 659 alunos/as, ofertando, além da educação infantil, ensino do fundamental I e II e Educação de Jovens e Adultos. Durante a pesquisa, a escola contava com um quadro de 32 professores/as, sendo, 24 mulheres e 8 homens.

Segundo o PPP, “a escola é mantida com recursos da Prefeitura Municipal de Mamanguape - PB de onde recebe equipamentos, mobiliários, pequenos reparos, pagamento das faturas de energia e água, Também conta com o apoio do MEC/FNDE - Fundo Nacional de desenvolvimento da Educação” (PPP, 2014). Nesta escola há a presença de católicos/as, evangélicos/as, dentre outras denominações religiosas, o que caracteriza uma diversidade religiosa. Frequentam a escola, com predominância, os/as filhos de agricultores/as mas também há filhos/as de comerciantes, operários/as, funcionários/as públicos, empresários/as, dentre outros. “O nível socioeconômico das famílias é bastante diferenciado, sendo, em sua maioria de baixa renda, muitos recebem auxílio governamental como o Bolsa Família e a maioria dos pais/mães tem baixa escolaridade” (PPP, 2014).

Ainda de acordo com o PPP, a escola é palco de alguns projetos e programas governamentais, entre eles: o PDDE - Programa Dinheiro direto na Escola - que “é revertido em

compra de materiais de consumo, de capital ou manutenção do prédio escolar, visando a melhoria da infraestrutura física e pedagógica da escola”; o Mais Educação “que constitui-se como uma estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral”; o Escola Aberta, “que incentiva e apoia a abertura nos finais de semana de unidades escolares públicas localizadas em territórios de vulnerabilidade social”. Nesse sentido, “a estratégia potencializa a parceria entre escola e comunidade ao ocupar criativamente o espaço escolar aos sábados e/ou domingos com atividades educativas, culturais, esportistas, de formação inicial para o trabalho e geração de renda, oferecidas aos estudantes e à população do entorno” (PPP, 2014). Nesta escola, o Programa Escola Aberta, funciona aos sábados, sendo que, pela manhã, são oferecidos, capoeira e música e à tarde, cursos de cabeleireira, manicure e prevenção de drogas.

De acordo com o texto do próprio PPP, à escola definiu, adicionalmente a abordagem do currículo convencional e com base em fundamentos legais que regem a matéria, um conjunto de temas denominados transversais, como por exemplo, Educação no Trânsito, Educação e Prevenção de alcoolismo, tabagismo e outras drogas na Escola, Saúde sexual, reprodutiva e prevenção das DST - Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS, Educação das relações Étnico-raciais, Cidadania e Direitos Humanos, Educação Alimentar Nutricional (PPP, 2014). Ou seja, de acordo com o PPP, há espaço na escola para abordagem das questões de sexualidade.

3.2 Perfil das informantes

As informantes desta pesquisa são quatro professoras da educação infantil da escola estudada. Em respeito aos procedimentos de ética em pesquisa, optei por preservar suas identidades e passaremos a denominar por nomes fictícios.

Nome	Idade	Formação	Tempo de Atuação
Cláudia	54 anos	Graduada em Pedagogia (2008)	15 anos
Débora	Não informou a idade (aparentava 60anos)	Especialista em educação	18 anos

Aline	45 anos	Graduada em Pedagogia	15 anos
Lúcia	39 anos	Licenciatura em Letras	19 anos

Algumas percepções sobre as professoras :

- Cláudia é professora do turno da manhã e foi a mais receptiva comigo: falante, risonha e muito carismática, até parecia que já nos conhecíamos. Conversamos na Sala dos/as Professores/as, onde falamos sobre diversos assuntos. Cláudia foi a professora com quem mais me identifiquei.
- Débora é professora do turno da manhã: um pouco tímida, principalmente quando soube do tema da pesquisa, creio eu pelo fato dela ser evangélica. Ela foi a professora que mais demorou para me devolver o questionário. (A que não declarou a idade)
- Aline é professora do turno da tarde. Ela, eu já conhecia e sabia que era professora. Minha surpresa foi encontrá-la ali, naquela escola, o que me deixou bastante à vontade para entrevistá-la. Conversamos brevemente e descobri que ela também ensina em outra escola, nos turnos manhã e noite. Ela também não me concedeu a entrevista de imediato, alegando que o tempo era curto.
- Lúcia é professora do turno da tarde. Ela é um pouco “cara fechada”, mas ao perceber que ela é prima de uma grande amiga minha, já fui logo iniciando conversa e aos poucos ela foi se soltando. No final também ficou combinado que ela me devolveria o questionário na semana seguinte.

Minha percepção é a de que nenhuma das professoras ficou à vontade para participar das entrevistas, nem mesmo por escrito, devolvendo o roteiro uma semana depois. Apesar disso, todas devolveram o roteiro e é com base em suas respostas que o próximo capítulo foi construído.

4 SEXUALIDADE E GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O OLHAR DE QUATRO PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Como já foi dito em outras partes deste trabalho, a sexualidade das crianças é um tema que incomoda famílias, profissionais da educação e a sociedade como um todo. Em geral, as crianças não são vistas como seres sexuados, conforme indicou Jane Felipe (2012). Para compreender essa questão a partir do olhar das professoras de educação infantil que participaram desta pesquisa, passo a apresentar os dados coletados com os roteiros de entrevistas preenchidos por elas.

Em relação à atuação na educação infantil, três das quatro professoras entrevistadas iniciaram sua trajetória nessa etapa da educação básica, como podemos perceber em suas falas a seguir.

“A minha trajetória na educação infantil da fase maternal até alfabetização foram momentos importantes. Sei que a responsabilidade das professoras da educação infantil é muito grande”
(Cláudia)

“Sempre gostei de trabalhar com a educação infantil. Me sinto bem no meio dos pequeninos”
(Débora)

“Comecei na educação infantil há uns seis anos, gostei e estou até hoje” (Aline)

“Iniciei na educação infantil numa creche, numa turma do pré –I e estou até hoje” (Lúcia)

É nesta etapa da educação que muitas de nós, pedagogas, iniciamos nossas trajetórias profissionais como professoras. Por isso, é preciso uma formação sólida, conhecimentos teórico-práticos que sustentem nossas atividades na escola. E como educadoras de crianças, precisamos conhecer os sujeitos com os quais trabalhamos ou vamos trabalhar. Esse conhecimento ocorre

através das observações, interações e diálogos com as crianças, tendo sempre a consciência que nossas ações poderão ser transformadoras sobre a realidade e futuro dessas crianças. A educação infantil foi integrada à educação básica com a Lei nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que, segundo o artigo 29, diz que: “primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Ou seja, é uma etapa da educação que exige formação sólida e conhecimentos específicos. Ao serem questionadas sobre suas experiências na educação infantil, as professoras disseram:

“Gosto de trabalhar com qualquer faixa etária, já trabalhei no 1º ano 2º ano 3º ano e 5º ano, mas é nesta etapa da educação que me identifico” (Cláudia)

“Já trabalhei com a EJA, Ensino Médio e Ensino Fundamental. Gostei de todas as fases. Porém a que me identifico mais é nessa etapa: A educação Infantil” (Débora)

“Gosto e me identifico com a educação infantil, adoro trabalhar com as crianças pequenas” (Aline)

“Tenho um carinho pela modalidade infantil” (Lúcia)

Percebi através das falas das quatro professoras a satisfação delas em atuar nessa etapa da educação. Mesmo todas tendo lecionado em outras séries/anos letivos, foi na educação infantil que disseram se identificar. Essa etapa da educação lida com as primeiras descobertas infantis em todos os aspectos e é muito gratificante fazer parte do “mundinho” das crianças, contribuindo com suas descobertas, seus medos, seus desafios e suas curiosidades. Segundo Schindhelm (2011, pp. 8-9), “os educadores [e educadoras], na interação com as crianças, aparecem como coadjuvantes responsáveis não só pelo processo de ensinar como os saberes são representados, mas também pela construção individual e social da identidade dos alunos”.

Ao serem questionadas em relação ao modo como percebem o trabalho educativo com as crianças, em todas as falas das professoras houve uma cobrança para que as famílias se envolvessem mais na educação dos seus filhos /as.

“A educação infantil abraça dois grandes eixos de trabalho, O educar e o Cuidar. A família também é fundamental no processo educativo” (Cláudia)

“É um trabalho difícil, árduo, muitas vezes procuramos mostrar pra eles as atitudes certas, as boas maneiras etc, mas quando chegam em casa algumas famílias distorcem completamente os nossos ensinamentos. Falo em todos os assuntos, também relacionados às tarefas de casa que, na maioria das vezes voltam no dia seguinte sem fazer. Muitos pais não têm ou não querem ter responsabilidade, compromisso com a educação de seus filhos. Jogam essa tarefa para a escola” (Débora)

“Infelizmente os pais não mais educam seus filhos e querem deixar toda responsabilidade de educar na escola” (Aline)

“Hoje em dia sinto falta do elo educativo da família com a escola. Não educam mais” (Lúcia)

Partindo do pressuposto de que existem vários tipos e modelos de famílias, que muitas das vezes as crianças não são criadas no seio de uma família tida como tradicional (papai, mamãe, filhos/as), que muitas crianças são criadas por outros parentes (tios/as, avós etc.) ou até por famílias “desestruturadas”, com poucas condições de educar, cabe à escola trabalhar com uma concepção ampliada de família. Sobre as relações entre família e escola, segundo Resolução nº 4/2010, do Ministério da Educação (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica), diz que:

Art. 22. A Educação Infantil tem por objetivo o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual, social, complementando a ação da família e da comunidade.

(...)

§ 4.º Os sistemas educativos devem envidar esforços promovendo ações a partir das quais as unidades de Educação Infantil sejam dotadas de condições para acolher as crianças, em estreita relação com a família, com agentes sociais e com a sociedade, prevendo programas e projetos em parceria, formalmente estabelecidos.

As crianças vivem em famílias diferentes e são diferentes entre si. Entre as diferenças mais demarcadas em nossa sociedade estão aquelas relativas ao que se espera de homens e mulheres, características ensinadas às crianças desde muito pequenas. Assim, ao serem questionadas se percebem diferenças entre meninos e meninas na escola, as professoras responderam:

“A proposta de separar meninos e meninas em escolas, como conciliar essas diferenças de gêneros, preservar as diferenças entre meninos e meninas na escola. O mundo já está bem moderno, se abrir mão disso, coisas piores irão acontecer na escola, principalmente em sala de aula” (Cláudia)

“Sim, percebemos que além das vestes dos meninos e meninas (nas cores etc.), as crianças também já vêm com idéias dos tipos de brinquedos e brincadeiras que podem ou não podem brincar menino e menina. Algumas vezes, algumas crianças já demonstraram algumas curiosidades em relação ao corpinho da outra” (Débora)

“Os meninos são mais hiperativos e curiosos ”(Aline)

“Os meninos são mais agitados em sala de aula” (Lúcia)

Meninos e meninas são percebidos de modos diferentes, principalmente no que se refere ao comportamento tido como adequado para eles e elas. Existe uma cobrança e uma fiscalização por parte da sociedade e é esperado que cada um represente os papéis que lhes são ensinados como sendo certos ou errados, aqueles/as que fugirem desses padrões são ignorados, reprimidos e sofrem discriminação. As professoras participantes desta pesquisa reforçam as

diferenças entre meninos e meninas e os papéis diferenciados para cada um/a. A escola tem reproduzido e reafirmado esses estereótipos. No momento que dizemos que meninos não podem brincar de bonecas e meninas não podem brincar de carrinhos, por exemplo, estamos privando as crianças de experimentarem as mais variadas formas de ser e estar no mundo como meninos e meninas. Silvana Goellner (2012, p.110) aponta:

(...) se tivermos nosso pensamento orientado pelas representações dominantes do que seja masculino e feminino, certamente não vamos incentivar as meninas a jogar futebol ou os meninos a brincar de bambolê, não é verdade? E ao fazer assim, estamos contribuindo para reforçar o processo de generificação dos corpos e das subjetividades. Isto é estamos educando um menino a ser um menino de acordo com o que a nossa cultura entende que é ser um menino. Daí eu pergunto: não pode ser diferente? O que importa se um menino usa brinco? Ou se não gosta de jogar futebol? Será que isso vai interferir na sua sexualidade?

Ao serem questionadas se na suas práticas educacionais já presenciaram alguma manifestação de sexualidade infantil, e se os familiares foram informados dessas situações, as professoras disseram:

“Já, várias. Hoje nós temos salas de aulas com meninas de mentalidade adulta, apoiadas pelos pais. Sim lógico, a mãe foi informada. Falar sobre sexualidade infantil é difícil”. (Cláudia)

“Sim, procurei e procuro sempre conversar com elas de uma maneira adequada com sua faixa etária. E quando necessário, converso com os familiares. Nessas conversas descobri certa vez, por exemplo, que a criança assistia certos tipo de filmes com os seus pais”. (Débora)

“Sim, quase que diariamente presencio curiosidade sobre a sexualidade, converso sempre que possível com os pais, os quais não dão a devida atenção”. (Aline)

“Sim, ultimamente as crianças vêm de casa com uma curiosidade sexual ativa. Quando passa dos limites, sempre informo aos pais.” (Lúcia)

Todas foram unânimes em sua respostas ao dizerem que já presenciaram situações envolvendo a sexualidade das crianças e que os familiares sempre são informados. Algumas

professoras foram enfáticas em atribuir essas manifestações de sexualidade infantil ao contexto familiar. Percebo nas falas dessas educadoras que estão despreparadas para lidar com as manifestações de sexualidade infantil que as crianças trazem para a escola. Suas falas me provocam a pensar, o que seria, por exemplo, o que Lúcia chama de “passar dos limites” ou “meninas de mentalidade adulta”, como disse Cláudia? Essas questões são desafiadoras porque não possuem respostas simples ou únicas. Cada contexto, cada situação, demanda intervenções diferentes. O que me parece desde já fundamental é que essas professoras precisam ser formadas para lidar com essas questões, especialmente porque “as crianças trazem para a escola situações inusitadas nos mais diversos campos de conhecimento, incluindo aquelas relativas à sexualidade, promovendo, nos educadores, sentimentos de desconhecimento e impotência no confronto e questionamento sobre essas vivências” (SCHINDHELM, 2011, p.8).

Ao serem questionadas sobre de quem seria a responsabilidade da orientação sexual (no sentido de educação sexual) das crianças, as quatro professoras responderam:

“É preciso começar pela família, a partir dos quatro anos de idade, mas deve ser uma parceria entre família e escola. A família deverá informar aos pais sobre a orientação sexual” (Cláudia)

“A orientação sexual deve ser dada pelas famílias, e a escola de mãos dadas com a família pode ajudar nessa orientação” (Débora)

“Pela família, e a escola apenas completa sobre o assunto” (Aline)

“Na educação em família, apesar que percebo uma grande influência sexual dos pais de forma permissiva” (Lúcia)

Analisa-se nesta questão que as professoras não se sentem à vontade ou não estão preparadas para lidar com situações que envolvam a sexualidade das crianças. Talvez por receio de despertar o interesse sexual “precoce” preferem atribuir essa responsabilidade aos familiares. No entanto, é de extrema importância que a escola se comprometa em trabalhar com sexualidade desde a infância, o que não significa dar aula de educação sexual para crianças pequenas, mas de

tratar com naturalidade quando as crianças descobrem seus corpos, responder suas perguntas como tranquilidade e sem alarme. As professoras da educação infantil representam um papel importante no processo de formação das crianças e, como tal, devem estar preparadas para assumir essa tarefa junto aos familiares ou responsáveis, levando em conta a necessidade que as crianças têm de satisfazer suas curiosidade em todos os aspectos. Em minha opinião, o tema deve ser trabalhado sem censura, sem inibições, como forma de contribuir e ajudar as crianças desde as primeiras manifestações da sua sexualidade. Contudo, as professoras, em geral, não querem trabalhar com sexualidade. Segundo Constantina Xavier Filha (2012, p. 21):

O que temos visto nos últimos anos é que há um temor em se discutir sobre sexualidade com crianças nas escolas e instituições de Educação Infantil. Um dos motivos destacados por muitas professoras é o medo de serem mal interpretadas pelas famílias das crianças. Talvez por isso qualquer assunto em torno de expressões de sexualidade das crianças na escola sejam comumente visibilizadas e compartilhadas com os familiares.

Ao serem questionadas sobre quais eram os maiores desafios enfrentados por elas na prática educacional quando o assunto é a sexualidade das crianças, as professoras disseram:

“Meu maior desafio, primeiro é combater o preconceito dentro de sala de aula, o racismo”
(Cláudia)

“O maior desafio é a falta de formação e informação das famílias. Muitas não mantêm diálogo com suas crianças. Ou deixam de lado ou agem com violência” (Débora)

“Bem a maior dificuldade é a falta de vigilância dos pais quanto ao assunto, pois deixam seus filhos assistirem programas inadequados para a idade deles” (Aline)

“Meu maior desafio é orientar uma criança que já vem de casa com uma visão pejorativa sexual. Com uma linguagem tosca e desagradável, com liberdade de posição ou atos que não condizem com a idade deles. E quando se é perguntado, ou viram algo em casa ou assistem programas não direcionados para eles” (Lúcia)

Três das quatro professoras culpabilizam os familiares pelas manifestações da sexualidade dessas crianças, alegando que seus maiores desafios são a falta de vigilância dos pais/mães. Não tem como vigiar uma criança acerca de uma curiosidade que num dado momento ela vai manifestar. Além disso, será mesmo que precisamos vigiar as crianças se a manifestação da sexualidade é algo natural do ser humano? A vigilância não é capaz de inibir as manifestações da sexualidade. Para Guacira Louro (2000, pp. 79-80):

Redobra-se ou renova-se a vigilância sobre a sexualidade, mas essa vigilância não sufoca a curiosidade e o interesse, conseguindo, apenas limitar a sua manifestação desembaraçada e sua expressão franca. As perguntas, as fantasias, as dúvidas e experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado. Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Ao acreditar que as questões da sexualidade são assunto privado, deixamos de perceber a sua dimensão social e política.

Os dados aqui apresentados indicam que precisamos reforçar, nos cursos de Pedagogia, a formação de professoras para lidarem com questões como gênero e sexualidade. Há muito desconhecimento sobre o tema, há pouca compreensão sobre quem deveria se responsabilizar pela educação sexual das crianças, desafios que precisaremos superar. Na sequência, apresento as considerações finais deste trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho, podemos observar a grande necessidade de se discutir a temática sexualidade infantil no âmbito escolar e fora dele. Quando fiz o estágio curricular obrigatório de educação infantil em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI), pude observar a necessidade que as crianças têm para expressar suas curiosidades, suas ideias, seus medos, seus desejos e suas frustrações e percebi uma certa carência em serem ouvidas nessas demandas. Essas manifestações acontecem em todos os âmbitos que a criança está inserida, mas aqui nos reportamos ao ambiente escolar.

Durante todo o processo de construção deste trabalho, minhas inquietações foram se confirmando principalmente quando tive contato com a escola onde as entrevistas foram realizadas. Pude constatar, na instituição escolar pesquisada, que as professoras de educação infantil e as famílias não estão em parceria com a educação sexual das crianças. As educadoras responsabilizam as famílias pelos conteúdos da sexualidade que as crianças trazem para a escola já que, segundo elas, as crianças aprendem em casa, sendo que aprendemos sobre sexualidade em diversos espaços, incluindo a escola.

As professoras também alegaram que as famílias, ao serem notificadas sobre casos de manifestações de sexualidade de seus filhos/as, pouco se posicionam ou tomam alguma atitude (e pergunto, que atitude deveriam tomar? É necessário fazer algo?). Esses relatos deixam claro que ninguém quer assumir a responsabilidade que é educar a criança para que viva a sua sexualidade de forma saudável. Muitas famílias não aceitam que seus filhos/as recebam educação sexual na escola dificultando o trabalho de professoras que estejam comprometidas com a educação sexual dessas crianças.

Sabemos que o tema é bastante complexo e amplo, que não é tão simples lidar com o assunto, e menos ainda ao se tratar da sexualidade infantil. Ainda existe um preconceito arraigado e muitas pessoas acreditam que sexualidade é coisa de adultos/as dentro das relações heterossexuais, por falta de compreensão do que seria sexualidade e do que seriam as práticas sexuais. O que não podemos é ignorar ou tentar excluir a sexualidade infantil, pois ela faz parte da construção do sujeito é uma dimensão humana que nos acompanha ao longo da vida. É tudo aquilo que recebemos e experimentamos em relação a afetividade no âmbito familiar, educacional, social e cultural, se perpetuando historicamente, de acordo com a cultura e sociedade.

A escola é o cenário que deve criar espaços para discutir o tema, utilizando seus métodos pedagógicos para isso. Chamar as famílias e a comunidade, bem como a sociedade em geral,

para participar desse debate que a todos deveria interessar, de um modo educativo, sem preconceitos e sem os alarmes que têm tomado conta de nossa sociedade quando o tema é sexualidade. Diante de tudo que foi explicitado, gostaria de deixar aqui algumas sugestões de como trabalhar o tema.

- Criar espaços, na escola, para receber as famílias e discutir sobre as manifestações de sexualidade infantil compartilhando as experiências que as crianças trazem de casa e as que elas vão adquirindo no percurso escolar de forma que possibilite uma cooperação e interação entre a escola e a família.
- Informar o desenvolvimento da criança aos familiares ou responsáveis, acerca de sua sexualidade e outros assuntos pertinentes à escola.
- Criar projetos e oficinas onde as crianças possam desenvolver e explorar suas curiosidades sexuais de modo saudável. Realizar palestras com profissionais que atuam na área da sexualidade infantil e outros temas para a formação continuada das professoras.
- Incentivar a formação das professoras para lidar com as situações referentes às manifestações de sexualidade de seus alunos/as em sala de aula.

Desejo que minhas contribuições sejam relevantes para a reflexão e discussão do tema, e que as instituições educacionais e os/as profissionais que nelas atuam, bem como os familiares e toda sociedade compreendam a importância.

Com este trabalho, pude ampliar minha visão sobre a necessidade de refletir sobre a temática sexualidade das crianças no contexto escolar e também reconhecer que o currículo do Curso de Pedagogia não tem sido suficiente para formar professores/as aptos/as para atuar nesse campo. É preciso que as questões de sexualidade e gênero sejam abordadas de modo mais amplo em nosso curso. É preciso também o desenvolvimento de cursos de formação continuada sobre o tema para qualificar as professoras e professores que já atuam nas escolas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Fernando César Bezerra de. **Psicologia na educação: um referencial para professores**. Vilmária Fernandes Sales, Margarida Sônia M. do Monte, Jaqueline Brito Vidal (organizadoras). – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010. Disponível em: < http://www.siteal.iipe.unesco.org/sites/default/files/br-_educacion_infantil.pdf> Acesso em: 01 nov. 2017.
- _____. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 01 nov. 2017.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf> Acesso em: 01 nov. 2017.
- CARVALHO, Maria Eulina de. RABAY, Glória. **Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil**. By Revista estudos feministas, Florianópolis, 2015
- BARBOSA, Escola Municipal Cléa Maria Bezerra Barbosa. **Projeto Político Pedagógico**. Mamanguape, 2014.
- FELIPE, Jane. **Sexualidade na infância: Dilemas da formação docente**. In: XAVIER FILHA, Constantina (org.) **Sexualidade, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: Reflexões necessárias para pensar a educação da infância**. XAVIER FILHA, Constantina (org.) **Sexualidade, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012.
- LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Lisboa/PT: Porto Editora, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SCHINDHELM Vígina Georg. **A sexualidade na educação infantil**. Revista Aleph. Infancias, 2011.
- XAVIER FILHA, Constantina (org.) **Sexualidade, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezada professora,

Esta pesquisa intitulada “A sexualidade das crianças na perspectiva das professoras de educação infantil de uma escola de Mamanguape/PB”, está sendo desenvolvida por **Sandra Ferreira de Souza**, aluna concluinte do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, semestre 2017.1, sob a orientação da Profa. Dra. Jeane Félix da Silva. A pesquisa tem como objetivo geral conhecer como as professoras de educação infantil de uma escola do município de Mamanguape/PB lidam com a sexualidade dos seus alunos/as.

Solicitamos a sua colaboração para participar de uma entrevista para coleta de dados, bem como sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de Educação. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, que você não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas. Estou à sua disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários.

Diante do exposto, eu, _____, portador do RG _____, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e respectivas publicações dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO CURSO DE PEDAGOGIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados pessoais das entrevistadas:

Nome

Idade

Formação

Tempo de atuação na educação

1º Fale um pouco sobre sua trajetória na Educação Infantil?

2º Sua experiência sempre foi na Educação Infantil, você se identifica nessa etapa da educação?

3º Como percebe o trabalho educativo com as crianças ?

4º Você percebe diferenças entre meninos e meninas na escola? Conte um pouco sobre isso.

5º Em sua prática educacional você já presenciou alguma manifestação de sexualidade infantil?

Em caso afirmativo, os pais/mães ou responsáveis foram informados?

6º Na sua opinião, a orientação sexual deve ser dada na escola ou pelas famílias?

7º Quais os maiores desafios que você enfrenta na sua prática educacional quando o assunto é a sexualidade das crianças?